

Artur Eduardo Benevides

Por amável desígnio da vossa bondade, que reconheço e proclamo inexecedível, quisestes que eu me tornasse um dos vossos, muito embora a humildade do meu trabalho, no campo da literatura, não constituísse mérito impositivo do meu ingresso na vossa ilustre Companhia. Creio não haver realizado, ainda, plenamente, aquilo que me propus, nos domínios da criação literária, mesmo porque a obra com que me apresento ao julgamento da crítica é, qualitativamente, limitada por minhas insuficiências culturais. Quisestes, porém, que eu me incorporasse à vossa luta e eis-me aqui, entre as luzes e glórias deste momento, experimentando a emoção que me traz esta solene investidura.

Pertencer ao vosso grêmio e pugnar ao vosso lado nos prélios do espírito representa honra inconfundível e poderoso estímulo, pois o vosso labor dignificante e diuturno amplia, cada vez mais, por todo o País, o prestígio que conquistamos nas lides intelectuais, em que continua a brilhar, incessantemente, a chama imperecível da inteligência polimórfica do nosso povo.

Integrado, desde cedo, no movimento de renovação das letras e das artes cearenses, ao lado de Braga Montenegro, Fran Martins, João Clímaco Bezerra, Mozart Soriano Aderaldo, Moreira Campos, Aluizio Medeiros, Otacílio Colares, Stênio Lopes, Antônio Girão Barroso, Eduardo Campos e os saudosos Mário de Andrade e Joaquim Alves, que formaram o grupo Clã, realizando um dos mais expressivos movimentos culturais de que há memória entre nós, publiquei livros que tiveram gene-

rosa acolhida da crítica, chegando, agora, a esta Casa da Cultura, cujo nome constitui legenda indestrutível.

Mesmo pertencendo a um grupo de vanguarda literária, cujo espírito comandava quase sempre rebeldias contra modelos assentes e figurinos estratificados, jamais deixei de admirar o vosso trabalho, lamentando mesmo que, muita vez, as vossas idéias e planos criadores caíssem em terreno sáfaro e não pudessem florescer. Sou dos que justapõem o moderno ao tradicional, de ambos recolhendo o essencial, o profundo, o verdadeiro. Em literatura, aliás, como em toda arte, o que interessa é a autenticidade da obra produzida, a chama que a iluminou intrínsecamente, sua mensagem, seu sentido, sua correspondência às vivências criadoras, sua representação do ser e do mundo, a verdade que ela encerra, a legitimidade dos temas, a beleza interior, tudo, enfim, que nos dê a certeza de sua plenitude universal, poética e humana. Sem isso, a obra produzida estará prejudicada irremissivelmente, tornando-se mera contrafação literária.

Ingressando na Academia, rendo especial homenagem a quantos, até hoje, sob a inspiração de nobres ideais estéticos, souberam contribuir para o engrandecimento cultural do Ceará, sobretudo nos domínios da literatura, em que continuamos a oferecer ao Brasil o exemplo admirável de um talento transfigurante e realizador.

Elegestes-me, Senhores Acadêmicos, para uma Cadeira cujo Patrono, por suas virtudes excepcionais, muito honra a cultura e o nome do Ceará: o Visconde de Sabóia. Nascido em Sobral, a 13 de abril de 1836, o eminente cearense, cujo nome evocamos com o maior respeito, tornou-se, por força de sua atuação marcante nos domínios da ciência, em que revelou singulares dotes de inteligência, um dos luminares da medicina brasileira, no Império e na República. Realmente, Vicente Cândido Figueira de Sabóia, que faleceu na Capital do País a 18 de março de 1909, conquistou posição de relevo nos círculos médicos e intelectuais da época, notabilizando-se

não apenas por seus conhecimentos científicos, senão também por sua cultura geral e humanística, de que deu provas, aliás, em todos os momentos em que foi chamado às lides do pensamento.

Homem de saber, estudioso dos problemas e dos temas mais complexos relacionados com a carreira que abraçara, o Visconde não foi uma daquelas culturas de caramujo, que jamais aparecem e guardam avaramente consigo os frutos da sabedoria. Muito ao contrário, sua bibliografia é vasta e brilhante e os seus títulos revelam, ademais, méritos ímpares. Além de contribuições esparsas para revistas científicas, do Brasil e do exterior, publicou grande número de livros e ensaios sobre assuntos mais diversos, sendo um polígrafo incansável. De suas obras, porém, a que teve maior repercussão foi, sem dúvida, *A Vida Psíquica do Homem*, um ensaio filosófico de 622 páginas, sobre materialismo e espiritualismo, no qual revela profundos conhecimentos de psicologia, através de uma forma invulgar de exposição e análise da matéria, dentro de estilo sóbrio e conciso, próprio dos verdadeiros cientistas.

Além desse, cumpre mencionar, também, trabalhos do porte de *Anestesia Cirúrgica* e *Lições de Clínica Cirúrgica*, *Traité théorique et pratique de la science et de l'art des accouchements*, *De l'existence d'une certaine variété d'abcès froids d'origine paludéenne*, *Contribution à l'étude des résections du genou*, *Memória Histórica*, dois *Discursos* proferidos perante o Imperador e a defesa que fez, sob o pseudônimo de Sílvio Tullio, da memória de Dom Pedro II, respondendo aos ultrajes biográficos assacados pelo Senador Cristiano Ottoni.

Homem íntegro, reto, exemplar, aliava à sua cultura um caráter nobre e leal e um espírito público dos mais puros e dignos. Não foi sem razão que lhe outorgaram os títulos de Conselheiro, Barão e depois Visconde de Sabóia. Só os brasileiros de alto valor moral e intelectual os conquistavam, naquele tempo em que a dignidade era um tesouro insubstituível e os homens, ao contrário da desfigurada plutocracia em que vamos ingressando, se mediam pelas riquezas do espírito.

Formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, foi nomeado, após concurso, Opositor da Secção Cirúrgica em 1859 e Catedrático em 1871. Como registra o Barão de Studart, no seu *Dicionário*, em 1871 foi o Visconde à Europa, comissionado pela Faculdade, para estudar a organização das principais Escolas do Velho Mundo, sendo incumbido, ao regressar, de preparar um plano de reforma do Ensino Superior, sobre o que apresentou minucioso projeto, que serviu de base ao Decreto de 19 de abril de 1879, que estabeleceu o ensino livre. Em 1881, foi nomeado Diretor da Faculdade. Um ano depois, chegava à condição de Médico do Paço, isto é, de Médico do Imperador, de quem, aliás, era grande amigo. Em 1884, foi agraciado com o título do Conselho e condecorado com a Comenda de Cristo. Em 1887, em importante missão oficial, visitou as principais cidades da Europa, em viagem que se revestiu de completo êxito.

O Visconde de Sabóia foi o primeiro brasileiro a integrar, na categoria de sócio correspondente, a Academia de Medicina de Paris. Era, igualmente, sócio correspondente do Instituto do Ceará, da Real Academia de Roma, da Sociedade de Cirurgia de Paris e da Academia Cearense, sendo, ainda, Conselheiro da Ordem Médica Brasileira. De suas glórias, que foram inúmeras, destaca-se também o fato de haver sido o primeiro brasileiro a realizar, no País, a chamada "operação de Bacelli", de inegável importância científica.

Em 1897, a *Revista Italo-Brasileira*, editada em Roma, qualifica-o de inteligência poderosa e espírito observador e progressista por excelência. Elogio menor não lhe fez o Dr. Leon Laveyssière, em *Le Correspondant Médical*, de Paris, que escreveu e divulgou, na Europa, a biografia do ilustre cientista e pensador brasileiro.

São homens da estirpe do Visconde que ajudam a construir a glória das comunidades de que surgiram, não apenas pelo que produziram em benefício da humanidade, como ainda pelas ações morais que praticaram e que brilham, como clarões inapagáveis, na história de seu povo. O eminente autor de *A Vida Psíquica do Homem*, além de tudo, triunfou fora de

sua terra, no Rio de Janeiro, demonstrando, assim, no maior centro de cultura literária e científica do País, a força da inteligência cearense, sempre renovada e eternamente criadora.

É, portanto, uma honra imerecida, além da de ingressar no vosso convívio, ter como Patrono figura tão nobre e preeminente, que foi uma das mais altas expressões da medicina nacional e uma cultura realmente portentosa, tendo sabido honrar, como poucos, as tradições espirituais da gleba comum e aumentar, com a sua valiosa contribuição pessoal, as mais legítimas glórias da terra cearense.

Andou bem inspirada a Academia em tê-lo como Patrono de uma de suas Cadeiras, prestando justíssima homenagem à sua memória, pois Vicente Cândido Figueira de Sabóia, além dos seus incontestáveis merecimentos, foi sobretudo um homem de letras, um escritor que possuía extraordinária capacidade de produzir, não se circunscrevendo, mesmo, às fronteiras da ciência, que assinalavam o seu *campus* intelectual. Escreveu teses, ensaios, estudos, discursos, memórias históricas, monografias, artigos doutrinários, livros didáticos, tratados científicos e obras filosóficas. Da relação apresentada pelo Barão de Studart constam nada menos de quarenta e três trabalhos dignos de nota, incluindo-se comunicações científicas para revistas estrangeiras.

Por ter filhos assim, que acendem em sua alma a chama do orgulho e da fé em si mesmo, o Ceará, reagindo contra o seu próprio destino, tem o brilho de solitária luz nos caminhos da Pátria, jamais se havendo desfigurado diante da História. É admirável, mesmo, que, aqui, malgrado as condições mesológicas negativas, nasçam e floresçam para o mundo sábios, artistas e poetas.

Se o "desenvolvimento da nossa mentalidade é função do nosso progresso econômico", como assinala Artur Mota, constituímos uma exceção dentro do quadro geral das letras brasileiras, pois, não obstante a precariedade da economia regional, possuímos um patrimônio intelectual dos mais ex-

pressivos, com um acervo bibliográfico que surpreende não apenas pela quantidade, mas, principalmente, pela qualidade das obras produzidas. E somos uma exceção, com uma posição verdadeiramente singular, sob outros aspectos configuradores do problema. Se é certo, por exemplo, aquele conceito antropogeográfico de que o *habitat* condiciona os tipos de atividade, o cearense, lutando contra uma natureza áspera e tormentosa, que lhe nega, às vezes, os próprios meios de subsistência, não deveria ser ficcionista ou poeta, criador de belezas e fixador de emoções líricas das mais puras. Sua literatura deveria estar totalmente marcada pela violência do meio, pelo espírito agressivo e indomável do meio, e ser uma literatura telúrica, direta, objetiva, sem acentos ou notas de introspecção e subjetivismo, retratando meridianamente a vida. É verdade que as letras nordestinas, dentro da heterogeneidade da literatura brasileira, formam aquela segunda *ilha de cultura* de que nos fala Viana Moog, caracterizada pelo sentido social. Mas, se tal ocorre em grande número de romances, contos e novelas, o fenômeno não é o mesmo em todos os gêneros, sobretudo em Poesia, que tem, aqui, caráter universal e adota preferencialmente os chamados temas eternos, que já fizeram, aliás, a glória de tantas literaturas.

E foram justamente os intelectuais — essa categoria envolvendo os artistas — que deram ao Ceará a posição de relevo no panorama da filosofia, da ciência, das letras e das artes no Brasil, firmando, em benefício do Estado, uma tradição que cumpre transmitir aos que vêm, fortalecida pelo nosso amor à cultura e a nossa capacidade de criação artística.

São os escritores, isto é, os prosadores e poetas, hoje chamados de trabalhadores intelectuais, que mais concorrem para a glória dos povos e civilizações. Como bem assinala Jaime de Barros, “a Grécia começou a viver depois de Homero, e, com ela, a antiguidade toda. As páginas da *Iliada* acordaram na imaginação de Alexandre o desejo imperial de suas conquistas, capazes de impedir que o sol se escondesse em seus domínios. A Itália imortalizou-se, não pelos seus guerreiros, mas com Virgílio e Dante. Portugal, com Camões”. E

a isso se poderia juntar: a Inglaterra, com Shakespeare, Byron, Keats, Dickens, Chesterton, T.S. Elliot, Katherine Mansfield, Milton e Somerset Maugham; a Rússia, com Tolstoi, Dostoievsky e Tchekov; a Espanha, com Cervantes, Unamuno e Garcia Lorca; a Holanda, com Erasmo; a França, com Molière, Balzac, Zola, Verlaine, Rimbaud, Mallarmé, Beaudelaire, Claudel, Gide, Proust, Valéry, Bernanos e tantos outros; os Estados Unidos com Emerson, Theodore Dreiser, Whitman, Poe, Sinclair Lewis, Sherwood Anderson, Steinbeck e Hemingway; a Alemanha, com Goethe, Schiller, Holderlin, Novalis, Wassermann e Thomas Mann; a Noruega, com Ibsen, Bjornson e Knut Hansum; a Suécia, com Strindberg e Selma Lagerlof; a Checoslováquia, com Franz Kafka; a Áustria, com Rainer Maria Rilke; a Irlanda, com Joyce; o Brasil, com Machado de Assis, Castro Alves, Alphonso de Guimarães, Olavo Bilac, Graciliano Ramos, Jorge de Lima e o nosso José de Alencar, de cujo romance *O Guarani* comemoramos agora o centenário.

A relação, para abranger todos os países e todas as épocas, seria imensa. Afinal, como nos adverte o *Eclesiastes*, "fazer livros não tem fim". E não deveis ignorar que, já no ano 48 a.C., como nos revela a História, havia nada menos de setecentos mil volumes na Biblioteca de Alexandria.

A literatura se iniciou no Gênesis e irá até à consumação dos séculos. Pouco importa que marchemos para um mundo atômico, eletrônico, sintético. Pouco importa se há uma subversão de valores no mundo atual. A palavra, oral ou escrita, não será vencida, nem substituída. O homem tem necessidade dela, como de água e luz. E o mundo científico, em que vamos penetrando, já descobriu, pelo exame e a investigação psicológica, que o ato da criação artística é o ponto central de um processo libertatório do espírito. O Verbo, que ordenou e inundou de beleza todo o Princípio, pôs a força da palavra no homem porque o quis à sua imagem e semelhança...

Que seria do Brasil se não fosse o trabalho de seus homens de letras, desde o século XVI ao XX, passando por classicismo, romantismo, naturalismo, parnasianismo, simbolismo, modernismo e pós-modernismo? Que seria deste País de

erros e contrastes, cujas riquezas potenciais, do subsolo, são pisadas diariamente por milhões de analfabetos, que as desconhecem embora as vejam, se os escritores de todas as tendências não houvessem, para glória sua, produzido uma literatura que o coloca em posição de respeito diante do mundo? E os intelectuais brasileiros têm, além disso, historicamente, uma tradição política de servir ao País e procurar-lhe caminhos mais amplos e felizes. Aí estão os exemplos. Aí estão os poetas da Escola Mineira sonhando com a liberdade da Pátria comum. Aí estão os episódios da Abolição, da Independência e da República, de que participaram ativamente os nossos homens de pensamento, eternamente rebelados contra os erros e as injustiças de regimes e governantes. Os movimentos literários, aliás, têm tido, no Brasil, repercussão sobre a vida política. Ainda não faz muito, o modernismo de 1922 abriu caminhos para a Revolução de 30. E foi a palavra corajosa de um escritor nordestino — José Américo de Almeida — que deu início, há alguns anos, à fase de redemocratização do País, com a livre e soberana manifestação da vontade popular, nas urnas.

Se o Brasil, no seu quinto século de existência, ainda não chegou à plenitude de seus destinos, sobretudo econômicos, não foi por culpa dos intelectuais, dos escritores, dos homens de letras, mas da teimosia e da covardia moral de políticos e administradores, que alicerçam o seu prestígio, em todas as zonas do interior brasileiro, sobre a ignorância e o desencanto cívico de populações mal informadas e orientadas, que não sabem visualizar os problemas mais primários, para a formulação das bases do progresso. Aliás, diga-se de passagem, não constitui missão histórica do escritor fazer de sua arte instrumento de militância política, pois isso, via de regra, conduz a uma literatura panfletária, estéril e demagógica, quando, ao contrário, o que se exige de uma obra de arte é a soma do trinômio Liberdade, Verdade e Beleza.

Em nosso País, como em toda a América Latina, aliás, o intelectual tem sido posto à margem da vida pública, pois os governantes temem sua influência no Poder.

Bernardo A. Houssay, detentor do Prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia, escreveu, certa vez, sobre a posição do intelectual na América do Sul: "Nos países latino-americanos, os caudilhos ou mandões têm, habitualmente, animosidade contra o intelectual. Isto obedece a uma mescla de sentimentos: não se tolera sua independência intelectual, teme-se sua crítica e, ademais, se lhes tem inveja por sentimento de inferioridade não confessado; no entanto, por razões de prestígio, se desejaria sua adesão"... Talvez isso servisse para explicar a marginalidade dos nossos homens de letras na vida pública brasileira...

Mas, com tudo isso, são eles, os intelectuais, que, no dizer de Eça, dão a um país sua posição e o seu valor no quadro geral da civilização. Por isso mesmo é que o nosso Ronald de Carvalho afirma que o século XVII, na Inglaterra, é mais de Shakespeare do que de Elisabeth, e o século XVIII, na França, é mais de Molière do que de Luís XIV. E a mesma comparação serviria, *mutatis mutandi*, para todos os países, pois a atividade criadora de poetas e prosadores resulta sempre em ascensão para o nome nacional.

Qual, por exemplo, a face espiritual do Ceará, no conjunto da vida cultural da Nação, sem a glorificante tradição que lhe deram os seus escritores e artistas, desde o século passado? Sem eles, sem os nossos poetas, romancistas, críticos literários, contistas, juristas e sociólogos, sem falar nos musicistas e pintores, não teria o Ceará o bom nome e prestígio de centro cultural dos mais característicos do Brasil, o que constitui, aliás, verdadeiro contraste em relação à sua pobreza econômica, como disse Antônio Sales.

É admirável, por isso mesmo, a persistência do vosso trabalho, Senhores Acadêmicos. Desajudados e desassistidos de todos, numa época de utilitarismo como a nossa, em que os homens se sentem confusos e perplexos diante do próprio mundo que criaram; não contando, na execução dos vossos planos, com o estímulo e o incentivo das autoridades, quase sempre indiferentes à sorte da cultura; enfrentando, no vosso caminho, dificuldades às vezes descoroçoantes e estorvos ines-

perados, mesmo assim prosseguiu confiantes, sem desertar jamais do vosso destino histórico. E, se “cada um faz o próprio destino”, como nos lembra Amiel, às primeiras linhas do *Diário Íntimo*, o vosso haverá de ter resplandência e concorrer para dar novas legendas de glória à alma cearense, cujos sonhos, anseios, lutas, dores e sentimentos tendes sabido interpretar através de livros que vos consagraram e enriqueceram a bibliografia brasileira.

Já hoje se sente que, em literatura, a tendência natural e normal de todos os escritores do Ceará é a adoção da temática universalista, em qualquer dos gêneros, pois muito já se escreveu em torno do regionalismo, principalmente do fenômeno das secas, sem dúvida o nosso maior e mais angustiante problema sócio-econômico. Essa literatura, porém, está ultrapassada. Insistir-se no assunto seria repetição. Não que a Região deixe de influir na obra de arte. Mas, há outros temas e motivos que, embora tenham a configuração geográfica, possuem o sentido e o espírito universais, cuja prevalência, hoje, na composição literária, é quase princípio tácito entre os escritores.

A literatura, como tudo, na vida, se renova incessantemente. Isto, aliás, é que lhe dá progresso. As letras têm de refletir o *zeitgeist*, o espírito da época, retificando temas, linguagem e técnica compositiva. Não fora isso, estaríamos, em romance, seguindo ainda os modelos de Joaquim Manuel de Macedo, e, em poesia, produzindo décimas, rondós e sextilhas sentimentais, como há duzentos anos... Se o homem muda — e essas mudanças significam sempre novos períodos da História — a literatura lhe acompanha os passos, em fundo e forma, despojando-se de elementos que envelheceram e incorporando a si mesma as novas cores, os novos processos e figurinos de criação. É, em geral, a linguagem que sofre mais intensamente essa transformação cíclica, que se opera nas artes e nas letras universais.

Evidentemente, em um mundo caótico e cheio de mutilações, como o dos nossos dias, em que o homem é, realmente, verdadeiro *hominis lupus*, e a face da vida assume aspectos

graves e impressionantes, não poderiam os escritores manter processos e modelos obsoletos de forma e de linguagem, pois, como intérpretes que são da humanidade, estariam ausentes de seu tempo, perdidos em torres de marfim. Se a literatura exprime realmente a fisionomia da sociedade, tal só será possível com a atualização de temas e de palavras e a harmonia do binômio espaço e tempo. Como entender-se hoje, por exemplo, em qualquer homem de letras, aquele sentido e aquele espírito romântico que presidiram à elaboração da obra literária, depois da segunda metade do século precedente? Quem disso usasse não estaria sendo autêntico diante de seu tempo.

Nesta época em que o homem sente aquela *terrible nécessité d'être libre*, de que nos fala Jean Paul Sartre, no seu discutido livro sobre o Ser e o Nada, a angústia é tremenda, sob todos os ângulos de verificação dos problemas universais, cujo fulcro é a própria criatura humana, que, além de outros erros, desaprendeu a lição insubstituível da virtude.

Foi sentindo isso que D.H. Lawrence escreveu:

“Há gente demais sobre a terra,
gente insípida, sem sal, proliferante...
E, sempre a saltitar,
rói o rosto do mundo
e dele faz um deserto”.

Esse deserto, que chega a ser desesperante para os que não têm Cristo no coração, transforma os homens em *dramatis personae* de uma civilização em crise. O mundo moderno repete a lenda de Pigmalião e Galatéia: a criatura volta-se contra o seu criador e o destrói.

Como evitar, então, que tudo isso deixe de repercutir, como um *pathos* assoberbante, nas letras e nas artes? Como exigir-se, diante disso, que os poetas continuem a suspirar por pálidas donzelas, dentro dos limites intransponíveis de decassílabos e alexandrinos de ouro, se a maneira de ver, de pensar, de agir e de sentir é diferente?

Impossível, já se vê. Os tempos são outros. O mundo mudou. Como nos adverte o Bispo de Nova Iorque, Mons. Fulton Sheen, "chegamos ao fim de uma era da história, precisamente como Roma, quando Alarico bateu à Porta Salária. A diferença é que, no caso de Roma, desagregava-se uma civilização material, ao mesmo passo que ia surgindo uma espiritual, e, na presente instância, é o espiritual que declina, enquanto vai ascendendo o material".

Disso tem resultado aquela tremenda problemática que se gera no espírito humano, a qual tem sido objeto das cogitações dos filósofos modernos dentre os quais Heidegger e Kierkegaard, repercutindo, em primeiro lugar, no que tange às letras, na Poesia, pois os poetas são como antenas da humanidade, falando, muita vez, divinatoriamente, graças à capacidade de intuição que lhes é inata.

Os poetas são, por isso mesmo, as vanguardas literárias dos povos, em todas as épocas. Para não irmos longe, cite-mos o exemplo do modernismo, ainda recente. Foi, sobretudo, um movimento de poetas, como de poetas é a chamada "geração de 1945". E é pela poesia que as literaturas começam a modificar-se, a receber as novas influências que incidem sobre o continente e o conteúdo, a substância e a forma da obra de arte. A poesia abre sempre os caminhos que são seguidos pelos demais gêneros, jamais chegando por último, em qualquer circunstância. Por isso mesmo, as páginas mais significativas para a compreensão da alma do homem moderno são exatamente os poemas dos grandes autores universais. Mas, o fenômeno é o mesmo em qualquer período. Se quisermos sentir o coração da Idade Média, teremos que ler as suas canções, os seus versos, as suas lendas épicas e narrativas líricas. Se recuarmos para Roma e Grécia, serão os poetas, ainda, que nos entremostrarão, em suas composições, o *tonus* espiritual da época. Como diria Shelley, eles representam a verdadeira história de qualquer povo.

Devo confessar-vos, Senhores Acadêmicos, que, de todos os gêneros literários, foi a Poesia o que encontrou em mim condições psicológicas mais propícias às suas inesperadas flo-

rações. Nas grandes horas da solidão criadora, quando o nosso silêncio está carregado de memórias, símbolos e apelos irrecusáveis, só a realização artística nos torna plenos e então sentimos, como um rio que corresse à luz de estranhas tardes, a Poesia fluir em nossa alma, iluminantemente. Já assim em ato e não mais em *potência*, ela é aquilo que os gregos chamariam de *catarse*, isto é, uma purificação, uma purgação do espírito, que sente, no desenvolvimento desse processo interior, a necessidade de se projetar artisticamente, dando forma à imaginação criadora. Daí o poema, o soneto, a canção e as inúmeras modalidades estróficas que surgem para expressão da sensibilidade estética.

Tenho procurado realizar-me, sobretudo, no verso. Não que me sinta incapaz para outros gêneros. Mas, o campo poético é o que sempre me atraiu mais profundamente, o que mais me satisfaz sob todos os aspectos, o que mais me solicita e apela para as virtualidades do meu ser. E fugir quem há-de ao mistério lírico, ao fenômeno poético, à subitaneidade do poema? Fugir quem há-de à força subjugante da beleza?

Quem de vós não se sente poeta, às vezes? O homem, disse Tristão de Ataíde, é o único animal capaz do ato poético. Isso porque, antes de ser gênero literário, a Poesia é um estado d'alma, uma atitude filosófica, uma contemplação do espírito. Antes de se transformar em verso, existe em estado de absoluta pureza, ou melhor, preexiste ao poema. Acima de forma, é essência. Por isso mesmo, cada um de nós pode senti-la, como resultante de motivações mais diversas. Nem todos, porém, saberão realizá-la, convertê-la na simbologia vocabular que a aprisiona para nós, nos livros. Isso somente farão os que a tiverem em si como um verdadeiro destino: os poetas.

Mas, a humanidade já não estaria, nestes tempos difíceis, alheia à Poesia, tomada esta como atitude espiritual ou gênero literário? Não seria cada vez maior a barreira divisória entre o público e o artista? Ou a receptividade da alma moderna seria a mesma, digamos, da romântica?

Creio que não há nenhum *divortium aquarum* entre os que fazem e os que lêem poesia. Esta, em última análise, é um fenômeno de cultura. Quanto mais culto um povo, tanto mais amante da poesia. Nos Estados Unidos e na Europa, por exemplo, continuam as grandes edições de livros de versos, sem qualquer diminuição de interesse do público leitor, não obstante a onda de materialismo que invade o mundo. Há, mesmo, em muitas Universidades, a cátedra de Poética. E o número dos bons autores não diminuiu. Lá, o poeta pode chegar a ser um profissional, isto é, viver da sua produção literária, sem ter que ser funcionário público. Aqui, no Brasil, o fenômeno é algo diferente, pelas variantes culturais do País. Diante de simples modificações de forma, de técnica e de linguagem, ou mesmo de excentricidades de alguns poetas, costuma-se exclamar, por exemplo, que a Poesia está morrendo. Isso se disse dramaticamente em 1922, quando os modernistas investiram, no auge do seu revolucionarismo, contra as formas tradicionais de composição. Passaram-se, porém, 35 anos de efervescência literária para, agora, com a investida dos jovens inovadores, dizer-se novamente que a Poesia está morrendo. . .

O que vai morrendo um pouco, nesta época de automatismo, agnosticismo dialético e desintegração do átomo, é a humanidade do homem, o seu amor aos grandes ideais líricos e heróicos e aos valores do espírito, trazendo, como consequência, a ausência da paz, que Santo Agostinho chamava de "tranqüilidade da ordem".

A Poesia não morre. É eterna. Quem morre são as escolas literárias e os poetas. Ela continua como uma luz no mundo, pois, no conceito maritainiano, é o espírito de toda obra de arte.

Ao invés, portanto, de exclamar que ela morreu, digamos como Augusto Frederico Schmidt:

"A hora é da Poesia! A hora é do Canto!"

E procuremos, para tornar a vida mais humana e bela, concorrer para que se ponha em tudo um sentido poético, imaterial e transcendente.

Conheceis, sem dúvida, Senhores Acadêmicos, aquela história narrada por Plutarco e evocada recentemente por mons. Sheen: um homem, certa vez, tentou fazer um cadáver ficar em pé. Experimentou, inutilmente, inúmeras posições em busca do equilíbrio. Extenuado, depois de várias tentativas, desistiu do intento, exclamando: “está faltando qualquer coisa dentro!”

No mundo moderno, ou melhor, no homem moderno, está faltando, também, qualquer coisa dentro: o sentido do humano, do poético, do mistério, do intemporal, do autêntico, do heróico, do belo, do justo e do profundo. E o contrário disso aí está: a despoetização da vida e o clamor das criaturas desarvoradas e humilhadas pelo próprio Leviatã que criaram e já não sabem nem podem conter. E chegam a perder toda a fé, no que é do tempo ou da eternidade, e a dizer, pateticamente, como Rilke, nas “Elegias de Duíno”:

“Quem, se eu gritasse, entre os anjos me ouviria?”

Tal é a situação do mundo, de um triste mundo que mais parece um navio perdido em tempestade: mundo que necessita, agora mais que nunca, de grandes ideais poéticos, que poderiam redimi-lo, dando-lhe nova face, novo espírito, novo destino e nova aurora.

Os escritores e poetas de todo o mundo devem lutar por isso, sobretudo quando já se sente, como salientou há pouco Pedro Calmon, que “ansiosamente se procura reestruturar o homem com uma intenção transcendente de reencontro”. A isso não poderão ficar indiferentes os escritores e poetas cearenses, pois importa — e muito — que se realize, quanto antes, aquela *revolução* sonhada por Péguy e através da qual, sem dúvida, o homem retornará a si mesmo, à sua própria humanidade e às suas fontes eternas, reencontrando-se afinal num mundo de paz e de solidariedade, sem violências e injustiças.

Se a luz do espiritual refulgir novamente sobre as criaturas humanas, erguendo-as de sua imensa crise interior, o

mundo estará livre dos falsos mitos e abantesmas que o perseguem, restaurando-se sobre ideais simples e fraternos, sem o desespero de fórmulas injustas e extremas.

Lutemos por isso, Senhores Acadêmicos, pois bem o podeis fazer com a vossa cultura, a vossa posição de líderes intelectuais e o vosso admirável espírito cearense, que é como uma força mística a serviço da valorização do Brasil.

Sejam as minhas últimas palavras um agradecimento especial a Braga Montenegro, dileto amigo e companheiro de lides literárias, que vos disse de mim aquilo que foi ditado por sua excessiva generosidade.

Braga Montenegro é um dos espíritos mais atilados e penetrantes que conheço, possuindo um lastro cultural que o transforma num verdadeiro mestre de literatura. Sou, porém, ao contrário do que ele vos disse, humilimo aprendiz das belas letras, sobretudo no solitário pastoreio da Poesia.

A ele, portanto, a esse homem bom, culto, simples e cordial, que sente comigo, pelo coração, a emoção deste encontro, o meu mais profundo agradecimento.

E a vós, Senhores Acadêmicos, que vos dignastes de me convocar para compartilhar o vosso trabalho e a vossa glória, a minha incessante gratidão e a certeza de que estarei ao vosso lado, em todos os momentos, sofrendo e lutando convosco pela grandeza cultural do Ceará.